



# CINE TEXTOS

Informação reunida e trabalhada para apoio à exibição em sala de cinema, em contexto de formação de públicos, orientada para alunos do ensino secundário e superior, no âmbito dos **FILMES FALADOS**, dos **XI Encontros de Viana – Cinema e Vídeo** (2011).

Autoria dos textos e orientação: Fabrice Schurmans.

Produção : AO NORTE – Associação de Produção e Animação Audiovisual.

## CAPITALISMO : UM CASO DE AMOR

Título original: Capitalism: A Love Story

Realização: Michael Moore

Género: Documentário

Classificação: M/12

Outros dados: EUA, 2009, Cores, 120 min.



AO NORTE – ASSOCIAÇÃO DE PRODUÇÃO E ANIMAÇÃO AUDIOVISUAL

Praça D. Maria II, 113 R/C | 4900-489 VIANA DO CASTELO

Tel.: 258 821 619 | [ao-norte@nortenet.pt](mailto:ao-norte@nortenet.pt) | [www.ao-norte.com](http://www.ao-norte.com)

## Resumo

Moore vasculha o sistema capitalista à procura das razões que levaram à crise atual. Com recurso a filmes de época, filmes amadores e material próprio, tenta perceber como foi possível o desmoronamento económico dos Estados-Unidos. É com este intuito que foca o papel dos bancos e das multinacionais assim como dos média, bem como as responsabilidades de representantes eleitos. Adota igualmente uma perspetiva mais histórica para determinar o momento em que o Estado providência do após Segunda Guerra Mundial cedeu perante as exigências do neoliberalismo. Aponta como momento determinante o início dos anos 1980, quando os bancos e as grandes empresas decidiram que iriam reconstruir os Estados-Unidos de acordo com os seus próprios interesses. E para isto, explica Moore, precisavam de um porta-voz. Este seria Ronald Reagan, ator de série B e suporte publicitário de algumas das maiores empresas americanas dos anos 1950. A partir daí, o lucro forte a curto prazo substitui a planificação e o lucro moderado obtido a longo prazo. As consequências sociais são hoje patentes: aumento do desemprego, estagnação dos salários, endividamento massivo das famílias para compensar as perdas salariais, redução das prestações sociais...

## Crítica

Em preâmbulo, numa curta sequência, um pivô em plano aproximado ao peito avisa o espetador, segundo a fórmula habitual, de que as imagens que se seguem podem ser chocantes. Esta sequência é quase programática do que será o filme tanto do ponto de vista da forma – Moore recorre bastante a extratos de arquivos – como do conteúdo – Moore interpela frontalmente o espetador para o sensibilizar para a violência do sistema capitalista.

A sequência de abertura alude aliás ao aspeto chocante a que se referia o pivô. Com uma subtil montagem entre um documentário sobre o declínio da Roma antiga e imagens de atualidades dos Estados-Unidos, esta sequência visa associar os últimos à primeira e explicar as razões que poderão levar os Estados-Unidos à queda. No entanto, a maior violência não se fica pela queda da superestrutura imperial, mas atinge antes de tudo os mais fracos do império.

Todo o filme é construído pela representação alternada dos excluídos do sistema, os novos pobres, e dos responsáveis que enriquecem à medida que excluem cada vez mais indivíduos do mesmo sistema. As múltiplas expulsões de casas de que nos fala Moore correspondem, sem dúvida, a muito mais do que à perda da casa: perde-se o estatuto de cidadão para se ficar no de sujeito despojado de grande parte dos seus direitos.

O propósito de Moore, assim como o lado empenhado do seu filme, aparece na sequência das casas penhoradas. Primeiro mostra, com recurso a filmes amadores, a atuação das autoridades sem comentários *off*, como se quisesse deixar o espetador a sós perante o sofrimento das pessoas prestes a serem expulsas. A seguir, com um zoom frente lento que se aproxima de uma casa penhorada, Moore comenta em *off*: «Isto é capitalismo, um sistema que dá e tira. Na maioria dos casos, tira.»

Como nos seus outros filmes, é óbvio o objetivo de Moore em historicizar um fenómeno, ou seja, em procurar na história os elementos que o podem explicar na sua forma atual. No entanto - outra característica do seu trabalho -, procura no presente indivíduos que pelas suas atividades ajudam a entender parte da natureza do capitalismo enquanto fenómeno. Veja-se a sequência do perito imobiliário (10'00-12'36), cuja empresa – «Os abutres imobiliário» – vende casas confiscadas a outros intermediários que, por sua vez, as revendem com lucro. Uma das características dos filmes de Moore é a maneira como consegue

pôr os entrevistados a examinar uma situação com um olhar distante. O perito da sequência em questão integra claramente o seu trabalho numa espécie de campo de batalha, onde quem possui a melhor informação leva a melhor sobre o inimigo. É quase, dirá ele, como um drone a pairar por cima do Paquistão ou do Afeganistão. É esta metáfora – nota-se de passagem que não se trata de um lapso – que servirá de mote ao filme. O capitalismo é aqui uma guerra onde uns, segundo o perito, gozam dos infortúnios dos outros.

A seguir, uma curta sequência a preto e branco (12'37- 13'00), retirada de um programa de televisão, introduz a pergunta que atravessa, estrutura até, o filme: o que é o capitalismo? Só que ao mostrar um programa ideologicamente enviesado, onde o capitalismo é defendido como o melhor dos sistemas, o que Moore aponta ao mesmo tempo é o papel fulcral dos média hegemónicos na construção do sistema capitalista não só como sendo o único sistema possível como também naturalizando a sua presença: «O capitalismo? Porque havemos de o pôr em causa?» pergunta no dito programa um homem com ar doutoral.

Com recurso às suas lembranças pessoais, Moore volta aos anos de ouro do capitalismo após a Segunda Guerra Mundial: socorrendo-se de filmes de família, de extratos de filmes de ficção ou ainda de anúncios, retrata uma época de aparente felicidade onde a classe média conseguia gozar de um certo conforto. Relembra igualmente um ponto essencial: os impostos eram na altura muito elevados e foi com eles que o Estado conseguiu construir infra-estruturas ou ainda garantir o acesso à saúde e ao ensino a muitos cidadãos.

Segundo Moore, o início dos problemas dá-se quando os bancos e as grandes empresas decidiram que precisariam de reconstruir os Estados-Unidos de acordo com os seus próprios interesses. E para isto, explica ainda Moore, precisavam de um porta-voz: este seria Ronald Reagan, ex-ator de filmes de série B. Mais uma vez, destaca-se aqui o uso de filmes de ficção por parte do realizador. Em parte, o tipo de filmes em que entrava o futuro Presidente enaltecia os valores conservadores do futuro Presidente: justiça expeditiva, lei do mais forte... Mais uma vez, o que se destaca aqui é o papel de certos suportes mediáticos na propagação e naturalização dos valores do capitalismo junto dos seus públicos.

A sua eleição como Presidente em Novembro de 1980 corresponde, para muitos observadores, ao início do período áureo do neoliberalismo. Representantes das grandes empresas e dos bancos entraram então no primeiro governo Reagan, em ministérios chave. É revelador o momento em que Don Regan, patrão da Merrill Lynch, uma das maiores empresas de corretagem na altura, obriga o novo presidente eleito a acelerar o discurso (19'37). No entanto, o mais espantoso ainda é a óbvia subserviência de Reagan naquele momento. O que esta sequência revela claramente é a transformação dos Estados-Unidos em Estado que serviria alguns (os mais ricos) em detrimento da maioria.

Começaram então os despedimentos selvagens. Vejam-se só alguns dos dados apontados por Moore. A *General Motors*, apesar de registar nos anos 1980 lucros de 24 biliões de dólares, despediu mais de 100.000 trabalhadores de maneira a aumentar ainda mais os lucros dos acionistas. Moore dá estas informações numa das sequências mais fortes do filme (20'18 – 21'41); com as *Carmina Burana* de Carl Orff em pano de fundo, justapõe, com a ajuda de gráficos, os dados que explicam o desmoronamento da sociedade americana.

Nos anos 2000, durante os dois mandatos de G.W. Bush, o número de falências aumentou, a pobreza cresceu e, no entanto, o Presidente continuava a celebrar o sistema que estava na origem do problema. Com voz de Moore a comentar, uma montagem alternada contrapõe ao discurso de Bush (« O capitalismo é o melhor sistema alguma vez concebido. » 28'17) as consequências do capitalismo, acabando desta maneira por evidenciar as contradições do discurso.

Desta maneira, Moore consegue evidenciar as consequências de tais políticas no dia-a-dia de muitos cidadãos americanos: os baixos salários da maioria dos pilotos, por exemplo,

obrigam-nos a viverem a crédito e a procurarem um segundo emprego - com os evidentes riscos para a segurança dos passageiros. À semelhança do que fez em *Bowling for Columbine* ou em *Sicko*, Moore entrevista anónimos que pelo seu testemunho conseguem, de maneira eficaz, desmontar o discurso hegemónico.

É o que acontece na sequência dos «seguros de camponeses mortos», onde se denuncia como algumas empresas conseguem até lucrar com a morte dos seus empregados. Numa das sequências mais emocionantes do filme, Moore dá o exemplo (39'06 – 46'53) de um funcionário de um banco que teve de fazer um seguro de vida a favor não da família mas do próprio banco. Com a guerra, trata-se de outro tópico que atravessa o filme: a associação das práticas do capitalismo à morte, à perda de energia, à ansiedade ou ainda ao sangue (como acontece no caso dos pilotos que vendem plasma para arranjar algum dinheiro).

É neste tipo de sequência que Moore se revela mais eficaz. Sabe que, para convencer o público norte-americano da ineficácia do sistema que lhe é vendido como inevitável e natural, terá de o comover. Daí o dispositivo: entrevista a viúva num ambiente familiar, com planos rápidos sobre fotografias do pai falecido com os filhos e a esposa, com planos aproximados da viúva a chorar. Parece-me possível integrar este tipo de plano numa relação especular com o recetor, pois o que grande parte dos norte-americanos vê naquelas imagens é um reflexo da própria vida.

Além do recurso à emoção, a estratégia argumentativa do realizador ainda se baseia na autoridade moral da testemunha convocada. Moore tem consciência da importância da religião para a maior parte dos cidadãos americanos. Daí as perguntas que coloca a dois padres assim como a um bispo. Todos insistem no lado fundamentalmente pernicioso do capitalismo. E um deles explica a sua longevidade e a sua pregnância pela presença do aparelho de propaganda: «O sistema construiu dentro de si aquilo a que se chama propaganda.» Acrescenta a seguir que, assim sendo, a propaganda consegue convencer as próprias vítimas de que o sistema na origem da sua desgraça não só é bom, como é o único possível. (48'35 – 48'47).

Trata-se de outro elemento estruturante do filme de Moore: a manipulação permanente da qual somos alvo, tanto nos Estados-Unidos, como na Europa. Uma manipulação que, recorrendo a especialistas, ou pelo menos a figuras que nos são apresentadas como tal, participa na construção de um medo, de uma fobia, ou seja, de um medo sem verdadeiro fundamento: o pânico de perder tudo. Uma estratégia que permite aos governos sucessivos tomarem medidas impopulares que, através de uma multiplicidade de discursos (publicidade, séries televisivas), nos são vendidas como inevitáveis.

Na sequência sobre o memorando secreto de *Citigroup* (52'35- 54'33) torna-se ainda mais clara a estratégia levada a cabo pela propaganda, pois é preciso convencer a maioria a votar não em partidos que prometem uma sociedade mais igual, ou menos desigual, mas em partidos que defendem o sistema. Isto com um argumento simples: manter a ilusão de que um dia talvez possam eles próprios ingressar no mundo dos mais ricos.

Segundo Moore, há ainda um outro vício no mundo das regras do capitalismo: estas não se aplicam a todos do mesmo modo. Assim, através da entrevista a um funcionário de um banco (01'10'38- 01'13'30), descobre-se que para uns, os mais ricos, os mais influentes, existia a possibilidade de pedir empréstimos com condições especiais (descontos, taxas suprimidas...). Pela montagem alternada entre as declarações do funcionário e as fotografias dos tais clientes, com o montante assim obtido em sobre-impressão, Moore aponta de maneira eficaz e convincente para a principal aporia do sistema: foi pensado para favorecer de facto alguns em detrimento da maioria. A música *off*, conotando a tristeza, realça o sentimento de quase impotência perante esta situação. Sentimento que se impõe quando Bill Black, um economista

de renome, descreve quão criminosa foi a organização dos créditos imobiliários pelos dirigentes dos bancos durante os anos 2000.

A organização e manutenção deste sistema tem sido possível porque os membros dos governos Clinton e Bush júnior dedicados à área da economia vinham do sector bancário. Henry Paulson, por exemplo, ministro da economia, era um antigo dirigente da Goldman Sachs. Ao ingressarem nos governos, a meta dos antigos membros da Goldman Sachs era modificar a regulamentação do sector bancário de maneira a autorizar os bancos a investirem em novos territórios até então proibidos. A música *off* desempenha mais uma vez um papel importante, pois evoca os filmes de ação ou de espionagem, associando a atuação dos ministros oriundos de *Wall Street* a tantos mafiosos ou criminosos do imaginário do espetador. Aliás, não é por acaso que Moore cita regularmente o cinema popular americano, através da citação direta (extratos de filmes) ou da citação indireta (a música), pois o recetor do seu filme possui a cultura cinematográfica que o ajuda a perceber o propósito de Moore. Este sabe que para convencer o público tem de lhe agradar, uma postura que Brecht já defendia para o seu teatro; daí uma montagem que muito deve aos filmes de ficção, como acontece na sequência em que passa de um banco ao outro em *Wall Street* com uma furgoneta blindada.

Se o diagnóstico parece desastroso, Moore pretende igualmente demonstrar que existem caminhos para a cura. Dá assim vários exemplos de empresas de êxito onde não existem grandes discrepâncias nos salários, onde as decisões são tomadas coletivamente. Por trás disto, há claramente uma conceção diferente da vida: «Para quê enriquecer?» pergunta o patrão de uma dessas empresas (58'52).

Neste contexto, a campanha eleitoral de Barack Obama, que fecha o filme, soou como uma promessa de mudança para muitos. Com a eleição do primeiro Presidente negro, o sistema iria mudar. Entre outras reações e possibilidades de mudança, Moore aponta para a ação conjunta, a recuperação de casas das quais as famílias foram expulsas, a greve pacífica... Nisto o filme de Moore é muito mais do que um filme de denúncia ou um panfleto anti-capitalista; aponta também para o que está ainda ao alcance do cidadão comum.

Por fim, como nos seus outros filmes, o realizador encara a Europa como o exemplo a seguir: em tudo estaria melhor do que os Estados-Unidos. Aqui a distância desfocou provavelmente o ponto de vista de Michael Moore, pois os exemplos de Portugal, Grécia e Itália mostram que estamos cada vez mais a seguir os passos dos Estados Unidos, no que estes têm de pior.

## Proposta de exploração do filme

### Reflexão Individual

1. Preenchimento do guião de observação que segue em anexo

### Reflexão em pequeno grupo

2. Divisão da turma em grupos, cabendo a cada grupo:
  - Identificar as problemáticas que o autor do filme pretende abordar;
  - Identificar semelhanças entre realidade retratada no filme e a situação que o nosso país atravessa;
  - Sinalizar situações de violação dos direitos humanos (consultar “Declaração Universal dos Direitos do Homem”);

AO NORTE – ASSOCIAÇÃO DE PRODUÇÃO E ANIMAÇÃO AUDIOVISUAL

Praça D. Maria II, 113 R/C | 4900-489 VIANA DO CASTELO

Tel.: 258 821 619 | ao-norte@nortenet.pt | www.ao-norte.com

- Identificar situações em que se verifique violação dos direitos humanos;
- Tomar uma posição crítica relativamente ao modelo económico (capitalismo) tratado no filme.

### **Reflexão em grande grupo**

- 3.** Apresentação das conclusões à turma para debate.
- 4.** Registrar uma ou mais mensagens positivas que integrem valores a promover.

Para todas as opções terão que apresentar argumentação que sustente as suas posições

### **Algumas questões que poderão ser focadas durante o debate**

- O capitalismo (modelo económico e social)
- Relações entre poder político e poder económico
- Relações sociais de produção em contexto de crise: precariedade; desvalorização dos salários; perda de direitos e de regalias sociais, desemprego ...
- As desigualdades sociais/Conflitos sociais/crise política
- Solidariedade



# Guião de Visionamento

## **Ficha Técnica**

Nome do filme:

Realizador:

Género:

Data de realização:

Duração:

## **A preencher após o visionamento do filme**

**Situa a acção no tempo e no espaço.**

---

---

---

**Indica as personagens mais importantes.**

---

---

---

---

**Refere a temática abordada.**

---

---

---

**Elabora um pequeno resumo do filme (sinopse).**

---

---

---

---

---

---

---

---

